



CAPITULO XVI

NATUREZA E CAUSA DOS ESTADOS AFFECTIVOS TENDENCIAS E INCLINAÇÕES

Caracterisação das solicitações vitæes. — Diferenciação affectiva, segundo a natureza das solicitações. — Affectividade physica e affectividade idealizada. — Tendencias de conservação e tendencias de expansão. — Discriminação das tendencias egoistas. — Estados affectivos sensoriaes-organicos. — Causa e natureza nas affeições sensoriaes-organicas. — Estados affectivos sensoriaes externos. — Polarisação affectiva nas manifestações de character organico. — Compensação — dôr-prazer.

1. Já tivemos occasião de assignalar que os estados affectivos traduzem, segundo as necessidades e solicitações do proprio viver — a conveniencia, ou a inconveniencia, das impressões que recebemos, e das excitações que em nós se produzem. Elles correspondem, por consequente, ás possibilidades — positivas ou negativas, isto é, ás facilidades ou os entraves, que se nos offercem na realisação da vida. Mas a vida se *realisa* como uma actividade que *tende a conservar-se* e a *expandir-se*; é neste sentido que ella se affirma, e é neste sentido que, na consciencia, se definem os nossos chamados — interesses vitæes. Desta sorte, em torno desses interesses se desenvolve toda a nossa affectividade. Ao mesmo tempo, succede que, na sua necessidade de expansão e de conservação, a energia do viver se manifesta por diferentes formas de solicitações, a que chamamos de — *appétites*, *pendores*, *tendencias*, *inclinações*, . . . Deste modo, o acto de rea-

lisar qualquer parcella da vida equivale a satisfazer a um desses pendores ou appetites. Por outras palavras: a necessidade de viver se formula na consciencia com o character de exigencias especificas, cuja satisfação se impõe á nossa sensibilidade de um modo mais ou menos vigoroso, e determina, então, as manifestações affectivas. A consciencia distingue e reconhece as differentes necessidades e exigencias — *appetites* e *pendores*, e, com isto, distingue e reconhece os estados affectivos que a elles se ligam.

2. Em verdade, a nossa sensibilidade está diferenciada quanto á natureza das solicitações intimas da vida, como o está relativamente ás condições dos agentes impressionantes. Distinguimos o que nos interessa no mundo exterior, e distinguimos os nossos proprios interesses. E exprimimos o facto dizendo — que a nossa affectividade está discriminada e caracterizada nas tendencias que nos animam, e cuja satisfação corresponde á realisação explicita do viver. Nestas condições, quando recebemos uma impressão, ou quando uma representação qualquer se impõe á nossa affectividade, é sempre com o character de um despertar de appetites ou tendencias. Os estados affectivos se pronunciam, de facto, como verdadeiras *manifestações* de appetites, pendores e inclinações. Assim, distinguem-se elles, não só pela *causa* — que é a excitação sensorial ou representativa, que lhes está associada na consciencia, como pela *natureza*, que é o character da tendencia solicitada. As tendencias vêm a ser, por conseguinte, as exigencias intimas em que se concretisa a energia vital do individuo; são ellas, que determinam e definem a natureza dos estados affectivos. A combinação dos dous factores — causa e natureza — permite-nos caracterisar todas as modalidades geraes de manifestações affectivas; mas, desde que a natureza dos estados affectivos é, por sua vez, determinada pelas tendencias, para discernir e classificar aquellas, é indispensavel discriminar e caracterisar a estas. Por outras palavras: quanto á natureza, a classificação dos estados

affectivos se faz pela classificação e caracterisação das tendencias que os determinam.

3. Uma das distincções mais geraes na affectividade é a que a distribue nos grandes grupos: *dôres e prazeres physicos*. . . *dôres e prazeres moraes*. Hofding procura tornar mais precisa a separação, chamando aos primeiros de — *sentimentos inferiores*, e aos outros, de *superiores* ou “*ideaes*”; e carecterisa a distincção “. . .na differença que ha em que um sentimento seja determinado pelas sensações ou pelas representações”. Isto é, elle attende simplesmente á causa, mas institue uma differença que é tambem de natureza. Esse criterio, que é geralmente acceito, torna-se falho, tanto que podemos objectar, concretamente: “O estado affectivo ligado á audição de uma symphonia é bem rigorosamente determinado por sensações, ao passo que o *desejo de comer*, despertado pelo — ouvir falar em almoço. . . é determinado inicialmente por uma representação; no emtanto, ninguem considera a este ultimo — um *sentimento superior* relativamente ao primeiro. O defeito dessa distincção geral provém de indicar-se o character e o valor do estado affectivo como resultado exclusivo da respectiva causa, sem tomar em consideração a natureza da tendencia que nelle se manifesta. Ha, certamente, uma relação necessaria entre natureza e causa; ha tendencias que se movem por certas ordens especificas de causas, mas, para fazer uma discriminação intelligivel e racional dos estados affectivos, é mistér distinguir, em primeiro lugar, as tendencias que os determinam, e, então, estudar o mecanismo das causas a que elles se ligam. Não ha duvida que as causas são sempre — ou de ordem simplesmente sensorial, ou de character representativo; mas a sua significação varia muito segundo se trata de umas, ou de outras tendencias. De modo geral, consideram-se como *sensoriaes* ou *physicos* os estados affectivos ligados a causas exclusivamente sensoriaes; e *ideaes* aquelles que derivam de representações mentaes. Neste caso, é

preciso não confundir a expressão — *ideal* com a expressão — *moral*, porque um estado affectivo de natureza inferior e organica, póde ser determinado por uma ideia: póde ser ideal, sem ser moral. E' por isso mesmo que se torna necessario insistir na analyse — quanto ao mecanismo das causas em relação com a natureza das tendencias, porque só deste modo é possível caracterisar as especies de estados affectivos.

4. Logicamente, devemos distinguir e dividir as tendencias humanas em: tendencias de simples *conservação* da vida, e tendencias de *expansão*. As primeiras fazem gravitar o individuo para os seus interesses pessoases e exclusivos; são as tendencias caracterisadamente *egoistas*. As segundas projectam o individuo, e attrahem a sua actividade, para outros seres, e o fazem sympathisar com o sentir alheio. São as tendencias *sympathicas* ou altruistas. Por sua vez, as tendencias egoistas se distinguem em *appetites*, ou tendencias á satisfacção de necessidades organicas; e *tendencias idealisadas*, isto é, cujas satisfacções se definem de ideias. As tendencias de expansão ou sympathicas manifestam-se, geralmente, com o caracter ideal, isto é, tendo como causa representações. Ha appetites ligados a essas tendencias, mas as suas manifestações espiritalisam-se ou idealisam-se desde logo, de sorte que, como appetites puros, elles não têm na vida affectiva do homem normal a importancia distincta que têm os appetites ligados á conservação da vida individual. Tudo resumindo: as nossas tendencias se distribuem em dous grupos geraes — tendencias de conservação, e tendencias de expansão; por sua vez, as tendencias de conservação se distinguem em — appetites organicos e tendencias idealisaveis. Quanto ás tendencias de expansão, essas tomam geralmente o aspecto de pendores ideaes.

5. Esta discriminação das tendencias faz comprehender de modo completo a distincção entre manifestações *inferiores* da affectividade e manifestações *su-*

periores, e assignala, com precisão, a relação natural entre os estados affectivos sensoriaes ou physicos, e as chamadas manifestações inferiores. Já tivemos occasião de ver que estas duas ordens de expressões: *sensoriaes* — *inferiores* e *ideaes* — *superiores* não são equivalentes; a distincção *sensorial* — *ideal* é puramente psychologica, e deriva da causa, ao passo que a formula: *inferiores*—*superiores* se liga á natureza, e corresponde, de certo modo, a uma apreciação moral. Em psychologia, quanto á natureza, os estados affectivos tomam a designação das proprias tendencias a que se ligam: tendencias—*egoistas-defensivas*... sentimentos — *egoistas-defensivos*... Devemos assignalar, no emtanto, que geralmente se consideram como *inferiores* as manifestações de natureza egoista, principalmente as que traduzem directamente os appetites organicos, porque são as mais simples, e as que mais cêdo se impõem á consciencia. Então, do ponto de vista da elucidação psychologica, essa expressão *inferior* tem a significação de *primitivo*. Realmente, os appetites são exigencias essenciaes e primitivas. Por sua vez, os appetites se definem pelas necessidades physiologicas a que correspondem.

6. O caracter de affectividade physica ou sensorial se determina rigorosamente pela causa. São *sensoriaes*, por definição, os estados que resultam immediata e directamente de sensações, independentemente de qualquer interpretação ou associação intellectual: o agradável de um *perfume*... o desagradável de um *sabor*... o prazer de uma *melodia*... São *ideaes* ou representativos os estados affectivos que resultam de uma excitação symbolica associada, e que presuppõem interpretação cognitiva. Um harpejo affecta-nos a sensibilidade, e um gemido tambem nos affecta; mas, ao passo que os sons musicaes nos agradam pelos puros attributos sensoriaes — sonoros, o gemido nos commove e penalisa pela sua significação symbolica — pela ideia de soffrimento que a elle se associa. Um simples colorido — que seja o classico

ouro sobre azul... dará um prazer exclusivamente sensorial; mas a percepção de um quadro produz estados affectivos ideaes, porque ahí as sensações se combinam em syntheses representativas e evocativas. Em tal caso, o estado affectivo pode ligar-se a uma percepção, ou a uma simples evocação, num acto de memória: o prazer de ouvir a voz de um amigo... o desgosto ao lembrar um medicamento que deve ser ingerido. O curso de um pensamento qualquer me traz a ideia da guerra actual, e sinto *pena*... vejo o retrato de alguém que me calumniou, sinto *magoa*... ouço um gemido, sinto *compaixão*... ouço o chamado para a mesa, sinto *satisfacção*...

7. Em todos esses casos, temos estados ideaes, si bem que de natureza differente. Devemos reconhecer tambem que a significação e o valor da causa representativa são bem diversos quando ella se refere a tendencias organicas ou appetites, e quando se refere a tendencias de ordem propriamente ideal. Essas tendencias, quer sejam egoistas, quer sejam sympathicas, dão lugar sempre a estados affectivos directamente relacionados com a vida moral; então, consideram-se ideaes, porque taes estados affectivos têm necessariamente como causa um valor mental. Qualquer que seja a situação em que surja o odio, a compaixão, o despeito, a ambição... taes manifestações se ligam a uma representação mental, e têm repercussão directa sobre a moralidade. Em qualquer dellas, o factor *causa* se distingue nitidamente do factor *natureza*, e, tanto um como o outro, caracterizam-se bem nitidamente: o motivo do despeito... o character odiento do respectivo sentimento... são valores que se assignalam com todo o vigor.

No dominio da affectividade organica, a distincção entre causa e natureza é menos nitida, e por isso mesmo o valor ou papel das causas ideaes é differente. A esse proposito, convém assignalar — que os estados affectivos ligados aos appetites correspondem, como causa immediata, a sensações internas. Por essa razão, é preciso distinguir, então, nelles, a causa affe-

ctiva e directa ou immediata, da causa occasional, indirecta ou symbolica. Então, a *causa* directa se confunde com a propria natureza do appetite: a *dôr* da sede — a *sensação* da sede... são dados de consciencia que se não distinguem; quer dizer — a causa do prazer de beber é o proprio appetite... Mas é preciso notar que esses estados affectivos podem ter uma causa occasional, representativa-symbolica: o desagradavel da fome e o desejo de comer podem resultar exclusivamente da sensação de *fome*, produzida espontaneamente como reflexo devido á vacuidade do estomago; ou podem ser despertados pela vista de uma iguaria, ou por ouvir falar em refeição... Num caso e no outro, a manifestação affectiva teve como causa immediata a sensação de fome, sem o que, fôra impossivel sentir-lhe o desprazer e o desejo de comer. Mas, no primeiro caso, a sensação pura constitue o elemento inicial, e é o facto dominante na consciencia de todo o processo affectivo; ao passo que, no segundo caso, o processo tem como ponto de partida e factor caracteristico uma representação — imagem, ou ideia, que desperta o appetite, evocando as respectivas sensações. Nestas condições, taes sensações, que não são productos de impressões formaes, têm um character como que ficticio, ou, pelo menos, muito attenuado, porque o que domina na consciencia é a causa indirecta e occasional — a representação evocativa. De todo modo, os estados affectivos correspondentes aos appetites são sempre inferiores e sensoriaes: — *puramente sensoriaes*, ou *symbolico-sensoriaes*.

8. Ao lado dessas manifestações organico-sensoriaes internas, ha os estados affectivos physicos, ligados ás puras sensações externas: o prazer de uma melodia, ou de um *rhythm*; o desagradavel de um odôr deleterio, a suavidade de um contacto... São manifestações que se ligam directamente ás boas, ou más condições, no exercicio do respectivo sentido. Aqui, a causa se define pela forma ou condição da impressão, e a natureza, pela propria qualidade sensorial. O agra-

davel, ou a belleza, de uma melodia ou de um accorde, deriva da relação physica entre os sons successivos (relação numerica nas respectivas vibrações), ou concomitantes, assim como a esthetica de uma combinação de matizes resulta das respectivas relações das côres no espectro. Uma luz só é agradável, ou desagradável, pela sua conveniencia ou inconveniencia ao exercicio do órgão visual. A designação desses estados affectivos sensoriaes externos é a mesma que a dos respectivos sentidos: prazer dos *olhos*... goso *auditivo*... goso *olfactivo*... Dahi resulta que se dá, neste caso, cousa analoga ao que vimos acontecer no dominio da affectividade organica, ligada aos appetites: a causa dos estados affectivos sensoriaes externos se funde com a natureza dessas mesmas manifestações. E' obvio que a causa é rigorosamente a excitação sensorial, e si a natureza se define explicitamente pela qualidade das respectivas sensações, a indicação da causa — um *colorido* agradável, por exemplo, inclue a menção da natureza da respectiva manifestação affectiva. Por conseguinte, devemos considerar esse aspecto — fusão de causa e natureza — como caracter commum á affectividade organica e sensorial.

9. Convém notar que os estados affectivos sensoriaes externos se podem desenvolver tambem por effeito de representações que, por associações directas ou symbolicas, evoquem imagens sensoriaes, evocando no mesmo acto a lembrança de prazeres ou penas relativas a essas mesmas sensações passadas: um amador de musica póde vibrar, ou estremecer commovido, ao perceber o titulo de uma peça cuja audição lhe tenha agradado. Neste caso, ha uma revivencia do conjuncto no estado de consciencia; ha uma evocação dos dados sensoriaes, e uma como que memoria do movimento affectivo concomitante. Quer dizer — todo o conjuncto acode á consciencia, desde logo, mas de forma muito attenuada; as imagens sonoras lembradas não têm, nem poderiam ter, o vigor das sensações internas que acodem á consciencia, num desses casos — em que o estado affectivo é des-

pertado por uma representação symbolica. No dominio das sensações externas, o papel da representação evocativa é simplesmente o de trazer á consciencia uma imagem—lembrança conservada pela memoria, e sem o valor, por consequente, das imagens immediatas — por excitação dos sentidos; ao passo que no caso das sensações internas — fome ou sede, por exemplo, desde que a impressão é de origem organica, a representação, despertando o appetite, faz produzir-se a propria impressão, ainda que não seja com a intensidade que ella tem quando se produz espontaneamente, como simples manifestação physiologica.

10. Os estados affectivos de natureza organica, e os de ordem sensorial, comprehendem naturalmente outros tantos prazeres, e outras tantas dores ou penas; isto é, a cada appetite e a cada sentido podemos referir estados affectivos agradaveis e estados desagradaveis: *pena da sede... prazer de saciar a sede... prazer de um som musical... desprazer de um som estridente*. Devemos notar, no emtanto, que não ha, no caso, nenhuma compensação completa, nem quanto á forma, nem quanto ao numero dos estados affectivos contrastantes e discerniveis. Em geral, os prazeres organicos (ligados aos appetites) são mais especificos do que as dôres; mas são em numero muito menor. Ha toda uma vasta categoria de dôres — perturbações de funcções, lesões... para as quaes não ha prazeres correspondentes: a *molestia é dolorosa*, mas a saude é neutra e negativa quanto á repercussão na consciencia. Cousa analoga succede no exercicio dos sentidos: ha *qualidades* sensoriaes agradaveis, compensadas por outras *qualidades* desagradaveis; mas, quanto á *intensidade*, as manifestações affectivas são todas de character penoso; um som conveniente como intensidade, é apenas, neutro; muito intenso, elle se torna doloroso. O mesmo acontece em todos os outros dominios sensoriaes. Além disto, toda qualidade sensorial agradável (*dôce... efeitos melodicos...*) pela continuidade se pôde tornar desagradável; ao

passo que as desagradáveis são sempre — desagradáveis.

Wundt admite que as affeições simples se desenvolvem, ou se manifestam, em duas outras direcções, além da formula geral — *agradavel... desagradavel*. Essas outras direcções vêm a ser: *irritante... calmante, tensão... allivio*. "Um sentimento individual, diz elle, póde pertencer a todas essas direcções, ou sómente a duas, ou a uma, apenas. E é somente por essa possibilidade que somos capazes de distinguir as direcções assignaladas". Não ha duvida que os estados affectivos podem ser — e são sempre — ou excitantes, ou calmantes. Esta circumstancia, porém, que depende da natureza da impressão ou da excitação, não póde ser assimilada ao aspecto — *agradavel... desagradavel*. Além disto, difficilmente se admite um estado affectivo que seja unicamente excitante ou calmante, sem elementos de dôr ou de prazer. Quanto á direcção: *tensão... allivio*, esta nem chega constituir uma polarisação, porque, em summa, um estado affectivo de *allivio* póde contrastar, não só com o de *tensão*, como com o de *irritação*, e o de *dôr*. Em resumo, as duas *direcções* de Wundt, são, apenas, especificações de dôres e de prazeres, ligados a excitações que têm esses efeitos característicos sobre o systema nervoso.



CAPITULO XVII

AS AFPEIÇÕES SYMPATHICAS

Idealisação das affeições. — Diferenciação das tendencias sob o influxo das representações. — Depuração, multiplicação e definição das manifestações affectivas. — Tendencias egoistas: defensivas e aggressivas. — Origem das tendencias sympathicas; unidade affectiva. — Expansão da vida individual. — Influencia do grupo domestico. — Espiritualisação das tendencias de expansão. — Contraste — egoismo-sympathia. — Riqueza da affectividade sympathica. — Affeições desinteressadas. — Affectividade esthetica. — A actividade artistica. — As affeições sympathicas e a saciedade.

1. A affectividade é, originariamente, a indicação subjectiva, sob a forma de prazer ou de pena, das attracções e repulsas do organismo quanto ás excitações que nelle se passam, e que resultam serem convenientes ou inconvenientes á conservação e expansão da vida. Nas suas formas mais simples e primitivas, os estados affectivos ligam-se immediatamente aos processos sensoriaes, e têm como causa directa a pura sensação. Ao mesmo tempo, occorre que a affectividade se define em tendencias, que correspondem de modo geral aos interesses vitaes do individuo; de sorte que as tendencias originarias e primitivas, caracterisadas nos appetites e exigencias organicas, agitam-se e despertam ao simples choque das excitações sensoriaes. Tanto vale dizer: a affectividade original é toda de ordem organica, e as tendencias que a definem vibram directamente com o choque das pro-

prias impressões que determinam as sensações. Mas, desde que as sensações se synthetizam em conhecimentos, desde que na consciencia se discriminam representações e valores mentaes, essas representações constituem excitações capazes de despertar as tendencias, e tornam-se, assim, causas determinantes de estados affectivos, que tomam, então, o character de manifestações idealisadas. Já tivemos occasião de descrever o mecanismo de estados affectivos que têm como ponto de partida representações. Referiamos-nos (pag. 225) aos casos em que uma ideia, ou uma imagem, pelas suas associações formaes, ou pelo seu character symbolico, tem o poder de evocar a lembrança de sensações, e de, assim, despertar appetites. E' esse o caso mais simples de idealisação dos estados affectivos, idealisação que, aliás, não é completa, porque ha uma interferencia de elementos sensoriaes como causa immediata, si bem que sob a forma de imagens evocadas. Todavia, são muito interessantes essas manifestações, porque constituem uma transição entre a affectividade primaria, puramente sensorial, e os estados inteiramente idealisados.

2. Com o desenvolvimento da intelligencia, no evoluir do espirito, são as proprias tendencias que se desdobram, differenciando-se em "inclinações" que se manifestam sob o influxo directo e exclusivo de representações. Esse facto, que se designa como — *espiritualisação* das tendencias, tanto se observa nas *tendencias de conservação*, como, principalmente, nas de expansão. Estudemol-o em primeiro lugar nas tendencias egoistas, para fazer, então, a discriminação das diversas modalidades com que ellas se apresentam. Accentuemos, desde logo, que — com a "espiritualisação das tendencias" crêa-se na alma humana a capacidade para a vida moral, porque, em verdade, a moralidade se realisa como se fôra uma "escolha decidida entre os estados affectivos", e essa escolha só é possível quando o individuo *conhece* o valor das causas que o fazem sentir, e pôde

apreciar a sua relativa conveniencia, ou inconveniencia. Ora, a espiritualisação e differenciação das tendencias consiste, justamente, nessa intervenção da intelligencia apreciando as manifestações affectivas. Por outras palavras: dizemos que as tendencias se *espiritualisam* e se *sublimam*, quando é possível despartal-as e agital-as com as causas de ordem puramente mental. No dominio dos pendores egoistas e individuaes, isto se realisa graças ao conhecimento que temos dos nossos interesses, e das condições que lhes trazem satisfação. Esse conhecimento se synthetisa em imagens e ideias, e essas representações têm, então, o poder de agir sobre a affectividade como outras tantas causas. A passagem da sensibilidade physica para a moral se faz por uma transição gradativa e natural. A principio, a representação actua como um symbolo ou motivo evocador de lembranças sensoriaes (pag. 225), e é a essas lembranças que o estado affectivo se associa; com a continuação, porém, reforçam-se e tornam-se mais nitidas as representações, podendo, então, associar-se directamente á consciencia das dôres e dos prazeres, e fazel-os surgir immediatamente. Ha uma abreviação no processo affectivo, pela eliminação ou dispensa da evocação sensorial. A affectividade como que se afasta da sua base natural — o sensorio. Ella perde com isto em vehemencia de momento, mas ganha em extensão, porque, com as representações mentaes, cream-se para ella novas causas, riquissimas em formas.

3. A phase mais importante na evolução da affectividade é essa — quando, pelo concurso da memoria e da imaginação, concretisados em representações ideaes, os estados affectivos saem do dominio da pura sensação, e, em vez de se associarem a dados sensoriaes e de se definirem desse modo, definem-se associando-se a objectos mentaes. Isto constitue a differença mais geral entre a affectividade physica e a moral; dahi resultam aspectos novos na vida sentimental, e dos quaes os mais importantes são os seguintes: 1.º, os estados affectivos de ordem ideal são

relativamente menos intensos, porque, definidos numa representação, não podem ter na consciencia a precisão e a nitidez das manifestações ligadas ao exercício dos sentidos; 2º, os estados affectivos ideaes são, por isso mesmo, mais persistentes e mais profundos; 3º, a sua causa determinante toma o character de permanencia, por ser uma imagem ou ideia, incorporada ao cabedal intellectual; isto é, em vez de ser uma simples causa transitoria, é um *objecto* permanente; 4º, dahi resulta a repetição frequente dos mesmos estados affectivos, e, com isto, o reforço das respectivas tendencias; 5º, desde que as manifestações affectivas ideaes se concretisam em representações, surgem novas distincções, definem-se outras ordens de manifestações, e as tendencias se differenciam, então, no sentido dessa *affectividade idealisada*: novos modos de sentir se patenteiam, e as tendencias como que se multiplicam. E' assim que o simples *instincto de conservação* se desdobra em duas ordens de pendores egoistas: de *defesa*, e de *affirmação* ou *agressão*. As tendencias de defesa, de aspecto negativo, correspondem á necessidade de evitar os perigos, e se exaggeram no zelo pela propria pessoa. As tendencias aggressivas, nitidamente positivas, traduzem a necessidade — de obter os meios que garantem a vida, e de desenvolver a plenitude da personalidade. Aquellas enleiam o individuo na — *cautela* e na *prudencia*, e o isolam na *desconfiança*; estas o atiram para a *aventura*, e desenvolvem *ambições*. . . Essa distincção é essencial, e tem uma grande importancia porque dá, desde logo, uma indicação para a definição dos caracteres.

4. As tendencias, que determinam de facto a natureza dos estados affectivos, dão-lhes o nome, e os especificam: *colera*, *odio*, *vaidade*. . . são manifestações que se denominam pelas proprias tendencias donde derivam; mas, muitas vezes, as tendencias se definem e se denominam pelas causas que as revelam provocando os respectivos affectivos: *ambição*, *ava-*

reza, amor das aventuras... são pendores que se diferenciaram sob a influencia de determinadas causas, cuja designação lhes é applicada. As principaes tendências defensivas são: medo, timidez, covardia, desconfiança, rancor, humildade, amor-proprio, avareza, emulação... O egoismo aggressivo se affirma nas tendencias de — vaidade, orgulho, arrogancia, ousadia, ambição, curiosidade, appetite de emoções... Cumpre notar que a avareza, a emulação e o amor-proprio têm um certo aspecto offensivo. As tendencias defensivas correspondem, de modo geral, ao receio das dôres, e alimentam estados affectivos que equivalem a uma perspectiva de penas, porque, em todos elles, ha apurado zelo pela segurança pessoal. Dahi resulta que a ideia do *eu* é uma representação e uma causa explicita em todas essas manifestações, e com isto coincide um certo retrahimento: *não agir, para não arriscar...* Emquanto isto, as tendencias aggressivas, correspondendo a uma perspectiva de gozo e de affirmação pessoal, levam á acção, e têm, muitas vezes, como satisfação, o mesmo *prazer de agir*; então, a *conquista do prazer, a luta pelo poder, a volúpia da acção...* sendo os motivos concretos dessa affectividade, têm como objecto representações especiaes. Neste caso, as manifestações affectivas, apesar de serem por natureza egoistas, não determinam aquella obsessão do *eu*, porque o proprio objecto dos estados affectivos como que “projecta o individuo para fóra de si mesmo”, de sorte que, na realisação, essas tendencias se confundem com as tendencias de expansão.

O character permanente que têm as causas nos estados affectivos de ordem ideal lhes dá uma accentuada continuidade, e isto mais conecorre para que faes manifestações — paixões, ou sentimentos — se confundam com as tendencias donde derivam. No entanto, do ponto de vista moral, principalmente, tem muita importancia a distincção. O individuo pôde ser possuido de tendencias ambiciosas, e soffreal-as; ou pôde ser um apaixonado pelo poder e pela riqueza.

No primeiro caso, apesar de existirem as tendencias, as manifestações se attenuam muito; ao passo que na segunda hypothese, dando-se plena expansão aos penhores, são os sentimentos, ou as paixões, da ambição que dominam entre as manifestações affectivas.

5. As tendencias de expansão formam a base da vida moral e social, e ligam-se tambem ás necessidades de conservação da vida. Ellas têm como manifestações primitivas — o *amor*, propriamente dito, e a *ternura maternal*; quer dizer, é destas formas instinctivas que derivam todas as tendencias expansivas, cuja essencia se resume na propria *sympathia*, isto é,—a capacidade de sentir o que affecta os outros, e de vibrar por motivos que não são interesses pessoais. A *sympathia* é como que uma affectividade por imitação. A sua forma mais simples é o terror subito que de nós se apodera quando vemos, por exemplo, uma pessoa a cair sob as rodas de um vehiculo. Essa mesma espontaneidade e vehemencia com que sentimos, em tal caso, demonstra que a agitação *sympathica* é realmente instinctiva. O facto se impõe por si mesmo; e não é essa demonstração o que importa aqui, porque está entendido que ha, na vida affectiva, absoluta unidade, e que toda a affectividade é de base instinctiva. O que importa, no caso, é comprehender — como os estados *sympathicos* se ligam ás condições e ás exigencias geraes da affectividade, que é sempre uma repercussão pessoal. Por outras palavras: o que importa é explicar como o individuo pode chegar naturalmente a — sentir por *sympathia*. Já o dissemos: as formas iniciaes e originarias de todas as manifestações desta natureza são: o *amor* e a *ternura materna*. E' nestas emoções que vamos encontrar as primeiras agitações affectivas do individuo por qualquer coisa que não é *elle proprio*, ou, melhor — por qualquer coisa "que não é elle somente". Tomemos nota dessa formula, porque nella está a explicação do facto; porque ella é a propria formula da passagem do egoismo para a *sympathia*.

6. Na decorrença natural dessas manifestações instinctivas, as solicitações exclusivamente pessoas nos levam á situação de reconhecer uma intima dependencia entre a nossa propria actividade — a nossa propria existencia, e a de uma outra creatura. Achamos em face de um ser que nos interessa porque — aos seus destinos se prende o nosso proprio interesse, ou de um ser que—existe porque existimos, e que vive como extensão da nossa vida... Em qualquer desses casos, quando sentimos o que affecta a essa creatura a que estamos assim ligados, “sentimos ainda por nós mesmos... mas já sentimos por outrem”. Em verdade, os primeiros anceios da joven mãe, as suas primeiras manifestações em torno da creaturinha — sua carne e seu sangue, são quasi tão egoistas e pessoases como aquillo que ella sentisse por si mesma. Mas o momento é decisivo: a propria vida e as proprias exigencias pessoas projectaram o individuo para outros interesses que não os seus exclusivos; elle sente por outrem, ao mesmo tempo que sente por si, e, desde que tenha a representação dessa outra creatura, ha de associar-a, necessariamente, á consciencia dos prazeres e das dores que a ella se referem. Esses estados affectivos se desenvolvem, então, com uma dupla causa — uma dupla representação: a representação inicial—referida a pessoa estranha, e a representação dos seus efeitos affectivos sobre a propria pessoa. A representação inicial tem, então, um papel evocador, como no caso dos estados affectivos organicos sensoriaes — em que uma representação evoca a lembrança de sensações, e dá lugar a uma manifestação em que ha: uma causa symbolica evocadora, e uma causa immediata, evocada. Vimos (pag. 232) que essa forma de sentir constitue justamente a transição entre a affectividade sensorial e a puramente ideal. Pela repetição, faz-se uma como que abreviação — a suppressão dos elementos e das lembranças sensoriaes evocadas; basta a representação inicial para despertar directamente o estado affectivo. Nisto consiste a evolução,

que resume a espiritualização das tendências; a representação se torna, de causa mediata evocadora, em causa immedita. Na passagem da affectividade egoísta para a *sympathia*, realisa-se uma evolução análoga a esta: originariamente, o conhecimento da situação do ser que nos interessa evoca a representação do nosso proprio caso; depois, faz-se a suppressão dessa evocação, e a simples representação inicial basta para despertar o estado affectivo. Então, mesmo sem a representação do interesse pessoal, chegamos a sentir o que affecta outrem. E' o sentir *sympathico*.

7. A eclosão da *sympathia* e o seu desenvolvimento dependem necessariamente da capacidade mental (porque a affeição *sympathica* se realisa em torno de uma representação), e dependem tambem das condições naturaes e organicas que determinam a constituição do grupo familia (1). No agrupamento domestico, encontram-se as duas formas originarias de manifestações *sympathicas*; ha como que uma fusão das tendencias iniciais, que assim se reforçam, e constituem o nucleo affectivo donde dimana toda a affectividade social, base da moral. Si a analyse que fizemos — quanto á evolução necessaria das manifestações *sympathicas* — não bastasse para patentear a sua origem domestica, teriamos a demonstração historica: as sociedades ancestraes são agrupamentos que se consideram formados de individuos do mesmo sangue, e é a esses que as manifestações *sympathicas* attingem. Na contemplação dos costumes primitivos, vê-se, em toda a evidencia, que os laços sociaes se formam como expansão das dependencias domesticas.

(1) Dir-se-á que a existencia do grupo familia já é manifestação de tendencias *sympathicas* e sociaes; não: esse agrupamento resulta directamente de condições organicas, quanto á evolução embryologica e quanto á eficiencia vital do recém-nascido. As aves e os mamíferos não poderiam deixar de apresentar esse agrupamento de individuos, e é ahi que têm o seu primeiro surto os movimentos *sympathicos*. Dada a existencia da familia, outras condições — vigor mental, genero de vida, relações necessarias na economia natural, vêm, então, favorecer essa forma de viver, e reforçar os instinctos sociaes ou *sympathicos*.

Nota-se, na evolução das tendencias sociaes, uma verdadeira reacção circular: a eclosão da *sympathia* se dá com a existencia do grupo domestico, e se affirma pela capacidade mental ou de representação; mas, uma vez instituido o grupo domestico, as relações e condições que ahí se cream repercutem sobre as faculdades mentaes e os instinctos *sympathicos*, reforçando-os e apurando-os. Outros factores podem intervir, para entravar ou limitar a evolução *sympathica* e moral; mas as condições essenciaes dessa evolução serão sempre as mesmas: o agrupamento domestico e a capacidade mental-cerebral. De tudo isto resulta que as tendencias de expansão se espiritalisam mais nitidamente e mais completamente.

8. Nesse dominio — *sympathia*, a affectividade se associa geralmente a representações que a idealisam; o que não se dá com a affectividade egoista, ou de conservação pessoal, em que persiste uma grande copia de manifestações puramente sensoriaes. E' verdade que, tanto os estados egoistas, como os *sympathicos*, podem ser despertados — ou por imagens ou por ideias; mas ha, no caso, uma differença importantissima, que muito concorre para sublimar as manifestações expansivas: ha estados affectivos egoistas provocados por ideias que são realmente ideaes; mas os que derivam de representações concretas — imagens ou percepções — nunca se depuram completamente das evocações sensoriaes; emquanto isto, no dominio das manifestações *sympathicas*, até mesmo as despertadas por imagens, são, na sua generalidade, inteiramente ideaes. Isto deu lugar a que se creasse o culto — processo de despertar estados *sympathicos* por meio de imagens, e que produz o apuro e a espiritalisação crescente das respectivas tendencias. Um processo analogo — para despertar affeições egoistas por meio de imagens — teria effeito negativo quanto á espiritalisação dos pendorres. Na affectividade *sympathica*, as imagens incitadoras das tendencias são, pela sua propria natureza, distinctas da individualidade que sente; o seu effeito

mais característico é justamente este: eliminar do espirito as representações pessoais e os elementos puramente sensoriais; de sorte que, quanto mais intensa é a imagem, mais se excluem as lembranças sensoriais egoístas. Nas manifestações egoístas, é o contrario o que se dá: a vehemencia e nitidez das imagens têm por effeito necessario — evocar todo o cortejo de lembranças sensoriais (nimamente pessoais) concernentes ao caso.

9. Affirmando a unidade da vida affectiva, não podemos deixar de attender á objecção que logo se apresenta, em nome da opposição essencial que parece existir — entre as tendencias egoístas e as sympathicas. Tão formal se afigura a opposição, que A. Comte foi tentado a crear o neologismo de — *altruismo*, como opposto de *egoismo*. Devemos reconhecer, no entanto, que, quanto á natureza das tendencias, a opposição é toda de apparencia. As causas das manifestações affectivas, os seus objectos, estes, sim, podem ser oppostos; mas isto tanto se dá entre a affectividade sympathica e a egoista, como no dominio exclusivo de qualquer uma dellas. Quer dizer, pôde haver uma opposição entre os objectos que nos despertam a affectividade, e dahi resultar contraste ou conflicto entre as differentes tendencias suscitadas, sem que esse factio signifique uma opposição essencial entre os elementos originarios da nossa natureza affectiva. O individuo sente desejo de comer determinada iguaria, mas pensa nos máos effeitos possiveis quanto á saude... hesita, e resiste á tentação, em nome dos exclusivos interesses pessoais. Houve, por conseguinte, um conflicto — uma opposição — entre tendencias manifesta e exclusivamente egoístas. Cousa analogica se dá no dominio da affectividade sympathica, quando o homem tem de escolher entre — o abandonar a familia á miseria para defender a patria... e o resistir ao sentimento patriotico por amor da familia... Ha tanta opposição nessas duas situações, como quando o individuo resiste aos seus inte-

resses pessoas movido pela compaixão. Esses conflictos e essas escolhas, que, como dissemos caracterizam a vida moral, resultam exclusivamente da differenciação das tendencias em torno das causas e dos objectos que a intelligencia distingue; e é por isso mesmo que não pôde haver moralidade sem intelligencia. A affectividade é uma mesma repercussão subjectiva, polarizada entre dôr e prazer, em relação com as exigencias vitaes; quando o individuo attinge a esse gráo de conhecimento que permite discriminar interesses e exigencias, é levado naturalmente a escolher entre tendencias; mas a affectividade continua ser uma, como a propria vida. As tendencias só se oppõem a outras tendencias na medida em que a vida se oppõe á propria vida.

10. A affectividade *sympathica* é naturalmente muito mais rica em especies e typos de manifestações, que o egoismo. No primeiro caso, as causas se multiplicam e os objectos se desdobram; pois que já não giram em torno de *uma* personalidade exclusiva. Os objectos em que se concretizam os estados affectivos *sympathicos* podem ter valor diverso como extensão; e a differenciação das tendencias acompanha o desdobramento das causas. Assim, distinguem-se as tendencias *sympathicas* em: *pessoaes, geraes* — ou *sociaes* propriamente ditas, e *desinteressadas* — ou puramente *ideaes*. As primeiras alimentam as manifestações expansivas que se dirigem a individuos particularizados, e se caracterizam nos *sentimentos domesticos* e na *amisade*. As tendencias *sociaes* propriamente ditas, ou *geraes*, menos intensas talvez que as primeiras, alimentam as manifestações que se referem aos grupos *sociaes*, ou aos seres humanos indistinctamente, e caracterizam-se nos sentimentos de — *patriotismo, humanidade, generosidade, caridade, compaixão*. . . Como se vê, a differença entre as tendencias *domesticas* e as *patrioticas*, ou entre estas e as *humanitarias*, é, apenas, uma differença de gráo ou de extensão; ao passo que entre os sentimentos pa-

trioticos, ou os humanitarios, e a compaixão, a differença é quanto ao objecto. Os primeiros visam os interesses de uma collectividade, e agitam-se com a representação geral — do bem e do mal que possam attingir o grupo; os segundos correspondem a tendencias que vibram com a representação das dôres e dos prazeres, de qualquer individuo, mas que se manifestam em vista de um ser ou de uma creatura em particular.

11. Além desses objectivos concretos, as tendencias sympathicas se orientam para objectos inteiramente abstractos e puramente ideaes, como sejam — o *bem*, a *justiça*, o *dever*... A essa categoria pertencem as tendencias religiosas. E' muito commum designarem-se as manifestações dessa affectividade como — *sentimentos desinteressados*, juntando-se-lhes as manifestações estheticas ou *amor do bello*, e o *amor da verdade*. A esse proposito, notemos, em primeiro lugar, que essa expressão — desinteressado — é de um valor muito relativo; é tão desinteressado o sentimento de justiça ou o de bondade, como o sentimento humanitario em geral. Num caso e no outro, ha o mesmo interesse, que é o destino da especie. No entanto, não se pôde negar que entre essas duas ordens de sentimentos existe uma differença de caracter psychologico, quanto á extensão: os chamados sentimentos desinteressados, ligados a uma ideia pura, restringem-se muitas vezes, prendem-se de modo absoluto á representação abstracta, perdendo até o tom de sympathia que lhes é essencial. Isto se nota principalmente na concepção da "justiça."

12. Quanto á affectividade puramente intellectual — amor da verdade, e á esthetica, essas não devem ser consideradas de natureza exclusivamente sympathica, ainda que sejam aparentemente desinteressadas. O amor da verdade é o desenvolvimento da — tendencia a conhecer.

A esthesia, para ser bem analysada, deve distinguir-se em: *sensorial*, *sensorial-mental*, e *intellectual*.

A musica, os perfumes, o colorido, a cinesthesica... são de ordem puramente sensorial. A paisagem, a poesia, a escultura, a pintura... affectam á esthetica sensorio-mental. A tragedia, a architectura, a eloquencia... despertam uma esthesia toda representativa ou ideal. Ora, assim distinguindo, temos de reconhecer como estrictamente egoista toda a primeira categoria de manifestações estheticas — que derivam directamente das proprias condições physio-psychicas dos apparatus sensoriaes. A belleza dos accordes e a belleza das combinações de colorido resultam de correlações physiologicas, que a physica biologica nos explica facilmente: são agradaveis as sensações correspondentes a impressões que estimulam *convenientemente* o sensorio. Si podermos achar explicação analoga para a esthetica representativa, teremos patenteado o character egoista da generalidade das manifestações dessa natureza. Ora, em todas as formas estheticas a que nos referimos, os elementos de belleza são, ao mesmo tempo, condições de — *ordem, harmonia, precisão, proporção, symetria, variedade*... quer dizer, são, ao mesmo tempo, outros tantos elementos *convenientes*, porque facilitam a comprehensão do assumpto ou do objecto; são condições que dão em resultado — um *maximo* e *perfeito (optima)* de representação, com um *minimo* de esforço. Concretamente: a ordem, o rhythmico, a symetria, a rima... são appellos que fazemos ao habito, para attenuar o esforço da attenção e facilitar a interpretação das percepções; e é assim que a symetria nos dispensa de interpretar uma das metades para comprehender o todo. A lei do menor esforço — interesse organico pessoal — nos explica, em grande parte, a affectividade esthetica. A par de todas essas ordens de esthesia essencialmente egoista, ha uma esthesia cujos motivos intimos correspondem, não a interesses simplesmente individuaes, mas a tendencias expansivas, e aos interesses geraes da espécie. Trata-se do sentir esthetico ligado á belleza humana — belleza

physica e belleza moral. Em tal caso, a affectividade que então se agita é toda de sympathia (1).

13. A esthesia offerece um segundo aspecto para distincções: quanto á actividade, ou a passividade, de que se acompanham as affeições estheticas. Os que se limitam a "sentir a belleza", e, commovidos, vibram diante dos motivos naturaes, ou das obras d'arte, são nitidamente — ou egoistas, ou desinteressados; mas aquelles que, embora num dominio de esthesia egoista — musica, paysagem... tanto se commovem que precisam *expandir* activamente o seu sentir e se tornam "creadores de belleza" — esses revelam uma ordem especial de tendencias expansivas. Nelles, as exigencias estheticas são tão fortes que fazem surgir da imaginação novos themas e novas causas (pois que a intelligencia é sempre um instrumento de realização pessoal), e o artista manifesta a sua affectividade produzindo formas de harmonia, mais perfeitas que aquellas onde a vida e a natureza se patenteiam. A sua attitude psychologica é analoga, em tom mais accentuado ainda, á do egoista affirmativo e ambicioso. A necessidade de realização pessoal se torna em força de expansão; tanto um como outro — agem, trabalham, produzem, cream, e dest'arte "se dão á sua obra". Eis o que é summamente importante para o caso: as exigencias de affirmação individual — *sentindo*, ou *dominando* — os levam a produzir e a conquistar; e, agora, ha para a sua affectividade *outros* motivos além da exclusiva individualidade. Ha o publico — a quem a sua sorte se liga, ha a sua obra, a sua criação... E' uma forma especial de sympathia que se esboça; é uma outra forma de expansão que se define.

14. As tendencias de expansão têm origem nas exigencias da realização individual, e não contradizem a unidade affectiva. Fôra impossivel, já o vimos,

(1) O assumpto, por isso mesmo, que é de maxima importancia, é muito vasto. Por esse motivo, e pela sua propria natureza, não convém ás paginas singelas e abreviadas de um compendio.

estabelecer differença essencial, de character psychico, entre ellas e as tendencias puramente egoistas. No emtanto, dessa divergencia de objecto — o interesse proprio... interesses extranhos, surge um aspecto de consciencia que distingue bem os estados egoistas, das affeições sympathicas. Os prazeres egoistas são sujeitos á saciedade, ou á desillusão; as dôres egoistas são dôres puras e exclusivas. Os prazeres sympathicos, si não são perennes, declinam sem saciedade, nem desillusão; as dôres sympathicas são sempre temperadas ou attenuadas pela propria sympathia. A affectividade egoista tem exigencias que lhe são proprias; as suas manifestações se desdobram necessariamente em — *desejo* e *satisfação*, donde resulta uma attitude de expectativa, em que collabora vivamente a imaginação, e que se termina forçosamente: ou numa dôr, quando não é possivel obter o desejado; ou na cessação do desejo, pela satisfacção. Ao desejo, succede o prazer; mas este se extingue fatalmente na propria satisfacção. Ha uma quêda de tonalidade de consciencia; cessa a crise de excitação e de estimulo; e a depressão que se segue é, de certo modo, penosa. E' a saciedade. Além disto, a expectativa ou exigencia imaginativa determina uma qual exacerbação affectiva, a que as possibilidades naturaes não sõem corresponder; as tendencias inflam, as manifestações se exaggeram, para terminar numa convicção de impossibilidade, mais penosa ainda que a saciedade: é a *decepção*. Nada disto pôde occorrer na pura sympathia, porque as tendencias dessa natureza têm a sua satisfacção implicita no proprio desejo, isto é, são tendencias que não exigem satisfacção explicita. Quem ambiciona — conta com um prazer especial como preço dos seus esforços, e tem de apurar os resultados obtidos; quem se dedica — realisa desde logo, na dedicação, todo o prazer que a respectiva tendencia pôde proporcionar. O amador de musica, ouve o trecho, gosa-o... vibrante de prazer, pede *bis*, repete o goso uma vez, duas vezes, tres vezes... A sua situação será

finalmente a de — ou amortecer na saciedade, ou desistir e renunciar ao prazer. Tudo se resume em que as tendencias egoistas são exigentes, e se resolvem em estados affectivos que tendem a degradar-se pela satisfação; ao passo que as tendencias sympathicas são apenas expansivas; não têm forma explicita de satisfação, e escapam á saciedade. Dahi resulta que a dôr sympathica, ao pronunciar-se, já se encontra com esse tom de consciencia confortante, determinado pela expansão das respectivas tendencias. Nada disto poderia existir na dôr egoista.



CAPITULO XVIII

COMPOSIÇÃO E FORMAS DOS ESTADOS AFFECTIVOS

Afeições simples — Os estados affectivos compostos e a vida moral. — Discriminação das formas affectivas. — A emoção. — Cortejo sensorial e visceral das emoções. — Character primitivo da emoção. — Significação objectiva da emoção. — A paixão. — Evolução normal dos estados affectivos; sentimentos.

1. Os estados affectivos são, em todas as circumstancias, manifestações ou vibrações das tendencias que animam o individuo; isto não significa, porém, que em cada manifestação se deva encontrar a expressão de uma tendencia isolada. Muitas vezes, o mesmo objecto e a mesma causa fazem vibrar diversas tendencias, condensando-as numa synthese affectiva. Temos, assim, um novo aspecto na differenciação da affectividade. Apreciemol-o. Os estados affectivos podem comprehender uma só tendencia, ou mais de uma tendencia. Ha, no primeiro caso, uma *afeição simples*; no segundo caso, uma manifestação *composta* ou *mixta*. A *alegria*, a *tristeza*, a *colera*, o *odio*, a *ternura*, a *esperança*, o *temor*, o *desejo*. . . são estados affectivos simples. Correspondendo á satisfação, ou não satisfação, de uma tendencia, a *afeição simples* define-se, para cada situação, numa das duas formas contrastantes — agradável-desagradável: alegria — tristeza, ternura — odio, esperança — desalento, temor — impavidez. . . Quanto a esse aspecto, exceptua-se o *desejo*, que não tem contrastante, porque a elle só se poderia oppôr a *saciedade* ou o *tédio*.

Ora, a saciedade, quando não é uma formula negativa de consciencia (cessação do desejo), é um estado mixto de dôres, lembranças de prazeres, decepção... A mesma cousa se pôde dizer do tédio, a que se junta uma forma surda de desespero. Essa condição especial do *desejo* resulta da sua propria natureza, e do seu valor como indicação affectiva. O desejo é simplesmente a manifestação consciente de uma tendencia; é projecção da individualidade para as perspectivas agradaveis, e caracteriza-se no objecto que desperta a tendencia; só deste modo pôde ser classificado, e, então, o seu contrastante penoso é a propria — não satisfação da tendencia em questão.

2. Os estados affectivos compostos ou mixtos comprehendem a quasi totalidade da vida affectiva moral. Nas consciencias embryonarias e primitivas, a vida affectiva consta de affeições simples, e se manifesta em emoções; mas nos espiritos feitos, com a experiencia do viver social e moral, a affectividade se torna muito complexa — pelo descortino da intelligencia, pela differenciação das tendencias, e pela multiplicidade das causas. Predominam, então, as manifestações complexas e mixtas — a *decepção*, a *devoção religiosa*, a *saudade*, o *pezar*, o *ciúme*, o *tédio*...

A composição dos estados affectivos pôde ser de: elementos *homogeneos*, ou elementos *heterogeneos*. Desta sorte, teremos: uma composição *concordante*, si entram nella sómente elementos agradaveis, ou desagradaveis; *discordante*, si ha elementos penosos ao lado de elementos agradaveis. A *veneração religiosa* (*sympathia* e respeito), o *enthusiasmo patriótico*, a *indulgencia*... são sentimentos compostos *concordantes*; a *inveja*, o *ciúme*, a *saudade*, o *ridículo*, o *sublime*, o *pudor*, o *despeito*... são estados *discordantes*. Compreende-se bem que, em taes manifestações, devem predominar — ora, os elementos penosos, ora, os agradaveis. Na *saudade*, na *vingança*, no *comicio*, no *sublime*, domina o aspecto agradável; no *despeito*, no *tédio*, na *inveja*... predominam elementos dolorosos. E' preciso não confundir o caracter composto

que tem o estado affectivo na sua unidade synthetica, com a situação de crise moral, muito commum nas consciencias formadas, quando inclinações explicitas, sob a forma de paixões, ou de sentimentos, se oppõem umas ás outras. Nessas crises, os proprios sentimentos discordantes se podem oppôr a outros do mesmo character. Assim acontece quando a *saudade* se cruza com o *ciume*, ou quando a *vingança* vence o *pudor*.

3. Os processos affectivos se distinguem tambem pela *forma* do seu desenvolvimento, considerando-se como — forma — a intensidade e persistencia dos respectivos estados, e a sua riqueza de associações mentaes. De modo geral, a affectividade se manifesta por tres formas de processos, a que convêm essas mesmas designações communs de: *emoções*, *paixões* e *sentimentos* (1). As emoções correspondem ás formas primitivas e originarias da affectividade

(1) De facto, ha tres formas de processos affectivos, e ha tres designações correntes para denominar as differentes manifestações da affectividade: *emoção*, *paixão* e *sentimento*. No entanto reconhecamos-o, o valor desses termos não tem o rigor de uma tecnologia definitiva. Sempre que, no correr das dissertações, cabe designar uma manifestação vehemente qualquer, chamam-n'a os psychologos de — *emoção*, assim como chamam de — *paixão*, aos estados persistentes e violentos, ao passo que preferem a expressão — *sentimento* para os casos de inclinações vigorosas, mas reflectidas. Isto é assim quando as referencias se fazem com discriminação de forma. Desde, porém, que se trate de um estudo sobre a natureza das manifestações affectivas, parece-lhes indifferente o termo que empreguem, e muitos chegam a fazer a classificação de toda a vida affectiva, fallando apenas de *sentimentos*, ou enumerando apenas *emoções*. Não ha duvida que, uma discriminação das emoções quanto á sua natureza, applica-se aos sentimentos, pois que a differença entre esses dous estados é apenas de forma; mas, si essa differença existe, e si é indispensavel ter designação particular para cada forma, é preferivel, parece-nos, na descrição da natureza affectiva, usar sempre das expressões genericas, — *estados*, *manifestações*, *processos affectivos*. . . e usar dos termos especiaes, consagrados pelo uso geral na distincção das formas affectivas, quando se trate de definir e descrever as formas especificas. Foi o que fizemos, reconhecendo, todavia, que essa distincção não tem a significação de uma doutrina. Nem isto se torna necessario.

humana. São manifestações mais ou menos subitas, vehementes e intensas, transitorias e subitas, acompanhadas de uma geral perturbação da vida mental, e modificações sensiveis do *rhythm*o physiologico e da expressão physiologica. O *desejo*, patente e explicito na consciencia, toma a forma de uma emoção; o *medo*, a *colera*, o *enthusiasmo*, o *terror*, o *pudor*, o *extasis*, a *veneração*, o *dó*, a *angustia*. . . são emoções.

A *paixão* é a concretisação de uma tendencia poderosa, ou mal educada, num determinado objecto; é uma emoção que se tornou chronica. Isto quer dizer que os estados *passionaes* têm, da emoção os mesmos caracteres de — vehemencia e de impulso, distinguindo-se, apenas, pela persistencia ou constancia das manifestações; ha, por conseguinte, na *paixão*, a turbação mental emotiva, e o cortejo de signaes expressivos.

Os sentimentos são processos affectivos de caracter constante, calmos e reflectidos, em que entram sempre causas de ordem mental. O sentimento tem de commum com a *paixão* o aspecto de *persistencia*. Uns e outros — *paixões* e sentimentos — são resultados da experiencia affectiva; são manifestações habituaes em que a vida affectiva se normalisa, segundo a sollicitação das tendencias pessoaes.

4. A emoção é, de facto, a forma primeira e originaria dos processos affectivos. . . Na criança, a affectividade é uma successão de emoções, quasi todas de fundo organico e sensorial. No adulto, cujas tendencias já se definiram em representações precisas, as emoções repetidas degeneram e convertem-se em *paixões*, ou apuram-se e normalizam-se em sentimentos; mas, nem por isso, deixam de ocorrer crises puramente emotivas — sempre que uma causa nova suscita uma das tendencias characteristics do individuo, sempre que um novo objecto fere a affectividade. Das emoções, umas são excitantes, como o *enthusiasmo*, o *desejo*, a *colera*. . . outras são deprimentes ou inhibito-

rias, como o *pudor*, o *medo*, a *decepção*. . . Essa diversidade, nos efeitos dos estados emotivos sobre o desenvolvimento das reacções que lhes são immediatas, faz bem comprehender qual seja a significação exacta das situações objectivas de que a emoção é symbolo subjectivo. Quer dizer, o facto de serem as emoções — ou excitantes, ou inhibitorias — demonstra patentemente qual a natureza das crises a que ellas correspondem: a emoção é o aviso explicito de — uma adaptação a fazer-se, ou a indicação formal de uma exigencia natural a realisar-se, segundo as solicitações da tendencia suscitada. De modo geral, esta é a significação e o caracter de todos os estados affectivos; na emoção, porém, o aviso e a indicação se formulam bem nitidamente, porque esse é o aspecto primitivo e mais simples da affectividade. O estado emotivo pôde ser produzido por uma impressão nova ou muito intensa, como pôde ser determinado por uma excitação de origem interna e de ordem mental. De todo modo, a situação se caracteriza sempre na mesma formula — imminencia de uma realisação adaptativa. Por isso mesmo, os efeitos emotivos se pronunciam — ou como excitantes, si a adaptação exige ataque e conquista, ou como deprimentes, si ella se resolve por uma retracção defensiva. Os casos typicos encontram-se no *desejo* e no *medo*.

5. A emoção caracteriza-se pela intensidade do estado de consciencia, concentrada em torno de um objecto, sob o choque de tendencias vigorosas (pagina 248). E' um estado sempre synthetico e exclusivo; no entanto, em si mesmo, o campo da consciencia, na emoção, é muito rico. Além da repercussão propriamente affectiva — dor ou prazer, ahi se encontram: representações correspondentes á causa — quer seja esta de ordem mental, quer seja puramente sensorial, assim como sensações visceraes e motoras, que, de modo reflexo ou automatico, acompanham a emoção. As perturbações funcionaes organicas, peculiares ás emoções, explicam-se como resultado de excitações diffusas (Spencer), ligadas ao

proprio character das excitações emotivas; quer dizer: admitte-se que as excitações determinantes das emoções têm a tendencia a diffundir-se pelas systematisações inferiores, produzindo assim os respectivos reflexos. Os movimentos e gestos expontaneos, ou automaticos, da emoção têm geralmente uma origem hereditaria: são residuos, talvez, de gestos offensivos, ou defensivos (Darwin); são esboços de actos uteis, de natureza instinctiva. O arregalar dos olhos no *espanto*, o cerrar das narinas na *repugnancia*, o desviar da cabeça no *desprezo*... são, evidentemente, gestos adequados ás respectivas situações. De todo modo, os movimentos reflexos e as perturbações physiologicas constituem um cortejo caracteristico das emoções, e lhes servem de expressão natural (pag. 192). Tão importante é esse cortejo de reflexos, que alguns psychologos não heistam em affirmar, que é esse o facto essencial no processo emotivo, e consideram a emoção propriamente dita como "a consciencia das sensações internas e dos respectivos reflexos" (1).

(1) É' a chamada "theoria peripherica, ou vascular-visceral" das sensações, theoria posta em circulação por Lange e W. James. Para esses psychologos, a "consciencia da emoção é a consciencia das sensações viceracs, vasculares e motoras, decorrentes dos respectivos reflexos... Eliminadas estas sensações, nada mais resta do estado emotivo". Aliás, não se trata de uma mesma theoria: Lange põe em relevo, principalmente, as *perturbações vaso-motoras*, ao passo que W. James considera, de modo geral, todas as *perturbações visceraes e reflexas*. Eis como se explica este ultimo: "Dada a impressão e a percepção donde deriva a emoção, a ellas "se seguem immediatamente as modificações reflexas; é a consciencia que temos dessas modificações, á medida que ellas se produzem, que constitue a emoção como facto psychico... e nós nos sentimos afflictos porque *choramos*, encolerisados, porque *batemos*, atemorizados, porque *trememos*. Essa formula, paradoxal e interessante, não foi acceita no tom absoluto com que é apresentada; mas teve uma larga repercussão. Longamente discutida, ella serviu para impôr á attenção dos psychologos um dos aspectos mais interessantes da emoção. Reconhece-se, hoje, que essa theoria argumenta com uma série de factos verdadeiros, e que as manifestações reflexas têm, nos estados emotivos, uma significação bem mais importante do que a que se lhes dá quando se consideram taes estâdos como effectos imme-

Esse modo de ver consagra uma das mais célebres e das mais-debatidas dentre as theorias das emoções; será exagerada, mas não deixa de conter um tanto de verdade. Si a consciencia da emoção é constituída por esses tres elementos — *representação da causa, sensações visceraes e musculares, e repercussão affectiva*, torna-se claro que o cortejo de sensações vem a ser um dos aspectos característicos do estado emotivo, quanto á sua discriminação subjectiva.

6. Tudo isto significa, em verdade, que as emoções têm sempre um character sensorial e organico, mesmo quando a causa é de ordem puramente representativa e ideal. Os estados emotivos se definem pela intensidade. Dada a causa que os determinam, o vigor das excitações tem por effeito constante evocar as imagens que lhes estão associadas, ainda que

diatos e exclusivos das causas representativas iniciais. Mas, sem duvida, Lange e James exaggeram quando dizem: "Tememos porque trememos..." ou quando pretendem que o sentir do pudor é a *sensação do rubor*... Todos sabemos que pôde haver rubor facial, sem emoção de pudor, assim como pôde haver tremor de pernas, ou tremor generalizado, sem medo. Basta uma tal constatação para infirmar a theoria, nos termos absolutos em que é formulada. No entanto, é certo que as sensações organicas muito concorrem para caracterisar e reforçar as emoções. Illudidos pela simultaneidade com que occorrem na consciencia as tres ordens de elementos — representações, affeições e sensações organicas, chegam elles a negar toda importancia á causa representativa, como determinante no character da emoção. E' um absurdo, na propria formula de que se servem. Na emoção de medo pela visão dum perigo, a noção, ainda vaga, de *perigo* é facto essencial para que se pronuncie a *emoção*; e esta se define desde logo como terror, ou como colera, mesmo que o cortejo de reflexos não se manifeste. Todavia, num estado emotivo muito intenso, a attenuação das manifestações reflexas modera o proprio sentir, ainda mesmo que a causa persista. Na emoção, é tão violento e brusco o processo que, muitas vezes, parece haver uma interpretação instinctiva e subita da situação, de sorte que o individuo, antes de apreciar conscientemente o caso, já está a tremer, ou a rir, ou a fugir... Digamos, então concretamente: nos casos de perigos já conhecidos, quando já ha reacções de medo systematisadas, as sensações que formam a synthese perspectiva, antes mesmo de serem interpretadas como conhecimento, bastam como simples sensações, para produzir o *déclanchement* dos respectivos reflexos.

essas imagens sejam puramente sensoriaes, ainda que essas associações correspondam a gestos e actos inuteis (como o cerrar das narinas na repugnancia moral). Vehemente e turbadora, forma inicial do sentir affectivo, a emoção conserva, através de todas as situações, esse character de affectividade physica e de repercussão pessoal. As proprias emoções sympathicas têm essa propriedade — de evocar, de modo positivo, as imagens com um vigor quasi equivalente as das sensações immediatas. A vista de uma iguaria desperta no faminto reminiscencias sensoriaes tão vivas que — *lhe vem agua á bocca...* assim como a vista de um punhal produz, em certas pessoas, uma sorte de dôr terebrante — *como si o punhal estivesse penetrando...* dizem ellas. Cousa analoga acontece, no dominio da sympathia, quando, ao ver um desgraçado apanhado por um trem, as mulheres compassivas caem desmaiadas, como si fossem ellas proprias que recebessem o choque.

7. A emoção vale por um aviso, porque é sempre a absorpção da consciencia pelas condições de uma situação critica para o individuo. E desse modo é util — na medida em que o aviso aproveita, na medida em que, dadas as circumstancias causaes, é o individuo projectado para a reacção mais conveniente. Concretamente: o medo retém instinctivamente, e ás vezes faz recuar e fugir, de modo automatico, independentemente de qualquer deliberação reflectiva. O medo é, pois, uma emoção de defesa, grandemente util. As suas reacções reflexas são realmente preciosas, pela subtaneidade e oportunidade com que se effectuam; mas, para que occurram as vantagens da emoção no medo, é preciso que a forma da reacção coincida com as condições da situação. Si a pessoa foge, quando devera reter-se... si permanece inibida, quando fôra indispensavel fugir... o medo terá sido funesto; quer dizer, a emoção é nociva — na medida em que turba a razão, e leva o individuo a formas inadequadas de reacção, gastando-lhe as for-

ças inutilmente, ou de modo contraproducente. Já vimos, ao definir *paixão* e *sentimento*, que, no desenvolvimento normal da vida, as solicitações repetidas das tendencias, em torno dos mesmos objectos, dão ás respectivas emoções o character de persistencia, systematisando-as como outras tantas inclinações explicitas do individuo. Esse facto constitue a evolução necessaria da affectividade quanto á forma das manifestações, evolução que, sendo uma normalisação de formas, é directamente determinada pela lei do habito. As influencias moralisantes da educação e da vida social em geral, assim como o descortino mental, intervêm mais ou menos na normalisação das manifestações affectivas, donde resulta que ella se póde fazer, de dous modos: ou como simples habito que se estabelece, e em virtude do qual, inveteradas e chronicas, as emoções se constituem em *paixões*; ou como a systematisação lucida de uma tendencia, escolhida e projectada para um objecto bem definido — é o *sentimento*.

8. A paixão será um traço da vida, mas não chega ser um producto da educação propriamente dita. E' o resultado de uma evolução exponitanea, e muitas vezes precipitada. A formação, ou o apparecimento, de paixões depende da forma do viver, do vigor e da precocidade das respectivas tendencias. Abandonada a si mesma, a affectividade invetera-se em paixões. Si consideramos, agora, o que ha de caracteristico e essencial nas reacções emotivas, é muito facil comprehender que, na forma chronica, essas reacções exaggeram o que nellas ha de inconveniente, e diminuem o seu valor como aviso propriamente dito. A paixão conserva o aspecto paroxistico da emoção, e todas as suas turbações mentaes e organicas. O habito torna, de certo modo, mais facil, mais violenta e mais prompta a manifestação perturbadora. Ha uma verdadeira degeneração da affectividade, porque, ao mesmo tempo que a repetição vae embotando a sensibilidade e exige impressões e excitantes cada vez mais fortes, vae

tambem reforçando e hypertrophiando as respectivas tendencias, e exaggrando os appetites. Deste modo, crêa-se uma exigencia affectiva nitidamente doentia. E' assim que se estabelecem as paixões puramente organicas — da *mesa*, do *sport*, do *fumo*, ou do *alcool*, e que são, finalmente, symptommas morbidos. Ha paixões excitantes, como as proprias emoções donde ellas derivam; mas, em si mesma, a paixão produz sempre uma depressão de energias, em razão, das reacções exaggeradas, desordenadas, inuteis e nocivas, que a sua vehemencia determina. Na paixão, os estados affectivos perdem aquella significação primitiva — de indicação adaptativa, não só porque a intelligencia, que é o verdadeiro instrumento das reformas adaptativas, se obscurece, ou se annulla, como porque a paixão corresponde fatalmente a um desequilibrio dentro da affectividade: certas tendencias se aggravam, e com isto se sacrificam alguns dos interesses essenciaes do individuo, em proveito de outros.

9. A elaboração do sentimento e o seu desenvolvimento traduz a evolução normal e necessaria da affectividade, si consideramos que o homem tem como regimen, tambem normal — o viver social e moral. Ora, a systematisação das manifestações affectivas, nas formas reflectidas e sentimentaes, é o resultado necessario da vida moral nas suas condições mais propicias, e é a consequencia directa da intervenção da intelligencia, esclarecida pela experiencia geral da especie, na escolha dos objectos e dos excitantes. A evolução sentimental (que é a evolução moral, quanto á forma das reacções) caracteriza-se pelos seguintes factos: *a*), subordinação das tendencias organicas ás ideaes (ha paixões organicas, mas não poderia haver sentimentos organicos); *b*), caracter representativo e ideal das causas; não ha sentimento sem a noção bem nitida do seu objecto, e o sentimento é, por definição, uma tendencia normal que se objectiva numa ideia; *c*), um relativo equilibrio entre as tendencias naturaes do individuo; um senti-

mento nunca será exclusivo, nem absorvente. De tudo isto, resulta que os sentimentos são manifestações calmas; são solicitações lucidas, sempre estimulantes para a intelligencia, mesmo no caso de sentimentos frenadores como a *prudencia*. Em verdade, a evolução sentimental se faz com a depuração da emoção, e a harmonia da affectividade no conjunto da vida psychica. O sentimento significa, realmente, que a tendencia se objectivou numa ideia, e que as formas das reacções adaptativas se normalisaram e se definiram.
